

Prêmio
Minha Comunidade
Sustentável



Carta na Escola

MINHA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL

Carta na Escola e a organização não-governamental Ação Educativa lançam prêmio para aproximar sua escola da comunidade. Participe!

PATROCÍNIO:



Viver sem fronteiras

APOIO:



REALIZAÇÃO:



APOIO INSTITUCIONAL:



PARTICIPE: A partir de agora, você já pode inscrever seu projeto

O auto-emprego coletivo

PAUL SINGER A economia solidária é uma forma criativa de gerar renda que, ao mesmo tempo, fortalece e valoriza o conhecimento das comunidades

Secretário Nacional de Economia Solidária, o economista Paul Singer está atento aos milhares de movimentos subterrâneos que vêm acontecendo debaixo de nosso nariz. São cooperativas formadas por ex-desempregados, por vizinhos e pequenas comunidades, ou, ainda, por artesãos ou pescadores que antes nadavam cada um por si – e todos contra a corrente econômica. Nesta entrevista concedida a **Ricardo Prado**, Singer conta como nasceu a idéia do cooperativismo e dimensiona o alcance dessa mudança de atitude de milhões de trabalhadores que abandonaram o sonho de ser funcionários com carteira assinada sem precisar, também, deixar de sonhar com uma vida melhor.

Carta na Escola: *Há um boom atual do cooperativismo que nasceu com o movimento ambientalista e o comércio justo. Ele chega a ter algum impacto econômico?*

Paul Singer: Digamos que já aparece, não é traço. O comércio justo, pelo que estou informado, está crescendo na Europa à base de uns 20% ao ano. Isso é explosivo, quer dizer que, de três a quatro anos, isso dobra. Então hoje já se conta em bilhões de dólares o movimento do comércio justo, mas, ainda assim, do comércio internacional é coisa de 2%.

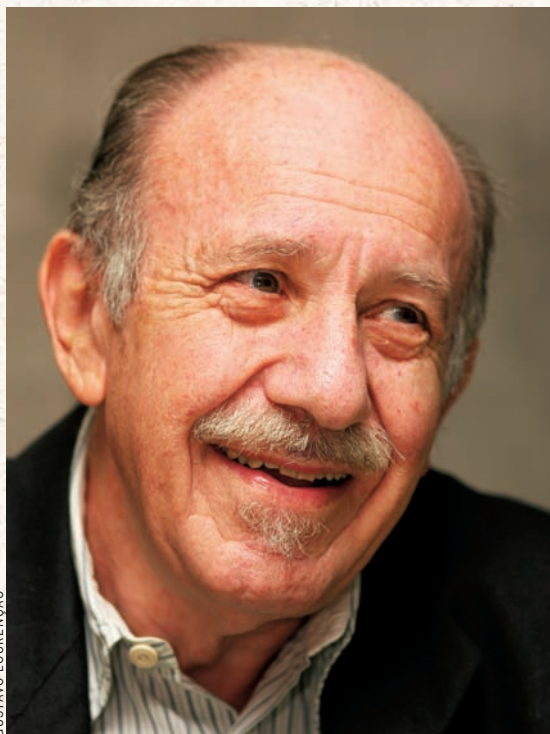
CE: *O comércio justo pretende eliminar o atravessador?*

PS: Não, eles próprios são atravessadores. O comércio justo é comércio. Sem fins lucrativos, dentro do espírito da economia solidária, mas eles têm os custos normais do comércio, só que fazem questão de remunerar melhor os produtores. Por isso que é justo e solidário, pois dá aos agricultores e extrativistas uma remuneração bem melhor. O que significa que o produto do comércio justo pode ser 10% mais caro que o outro. E tem a parte ideológica, eu vi isso acontecer na Europa, eles têm feiras de comércio justo, muita gente está lá comprando e não está atrás de barganhas, tem outras razões. Uma das razões é saber que se está ajudando uma coisa que merece ser ajudada em termos ambientais e sociais. Eu es-

tive lá, em uma feira na Alsácia, na França, para comprar umas coisas para trazer para o Brasil. O atendimento é totalmente oposto ao de um supermercado. Tem gente lá que está interessada em contar histórias.

CE: *Era uma feira regular de comércio justo?*

PS: Acho que sim. Fui convidado para fazer umas conferências, passei algumas horas lá e fiquei muito bem impressionado. Não só pela quantidade de pessoas que estava circulando ali, mas, sobretudo, pelo entusiasmo dos vendedores. Eles não viviam disso, eram militantes. Mostraram-me o sis-



GUSTAVO LOURENÇO

“ Num centro de economia solidária, o espírito é totalmente outro, ninguém está interessado em dizer: ‘Compre o meu produto’ ”

tema de aquecimento solar artesanal e barato. Mesmo áreas que não têm energia elétrica podem ter o uso de energia solar para aquecer água, cozinhar. É um aparelho que não custa muito caro porque é artesanal. Você vê várias coisas ali.

CE: *Nessas feiras também se vende tecnologia, então?*

PS: Vende-se tudo, tecnologias, idéias, afeto. Você entra num mercado capitalista, pelo menos eu, e a primeira coisa que tenho é a vontade de não ser enganado. Quando você entra num

centro de economia solidária, o espírito é totalmente outro, inclusive ninguém está interessado em dizer: “Compre o meu produto”.

CE: *Como surgiu a Secretaria Nacional de Economia Solidária, uma experiência inédita no Brasil?*

PS: A história da Secretaria de Economia Solidária nasce, inicialmente, na campanha de 1998. Lula estava muito preocupado com o desemprego. Ele organizou no Instituto da Cidadania um seminário sobre o desemprego. Eu tinha feito uma viagem de avião com ele e comecei a defender a idéia de que nós deveríamos organizar os desempregados. Ele me olhou com espanto: “Olha, o que o sindicalista menos quer ver na frente é desempregado, porque desempregado é competidor do trabalhador assalariado que ainda tem emprego e é sócio de sindicato; portanto, o sindicato organizando desempregados é um contra-senso, porque o interesse do desempregado é tomar o seu emprego”. Eu disse para ele que nós tínhamos soluções para os desempregados. É para organizar, para eles terem emprego, mas não emprego capitalista, é auto-emprego coletivo, isso é possível de fazer, organizando-os em cooperativas e produzindo uns para os outros. No final daquele seminário sobre desemprego, acho que a semente ficou. Quando Lula foi eleito, em 2002, me pediu e eu escrevi umas duas páginas sobre economia solidária para o programa dele. Hoje ele é um partidário convicto da economia solidária.

CE: *Então Lula mudou de opinião?*

PS: Ele mudou lá nos anos 90 e em 2002 estava comprometido com a economia solidária. Ele não falou com ninguém e decidiu que a economia solidária seria promovida pelo BNDES, porque na cabeça dele essa questão está muito ligada ao microcrédito, o que em parte tem razão, pois um dos problemas da economia solidária é ter acesso ao capital. Ele me convidou, na verdade, para ser diretor do BNDES e aceitei, tudo isso antes da posse. O presidente do BNDES ia ser o Carlos Lessa. Ele foi chamado pelo presidente eleito, aceitou e deu uma entrevista dizendo que ‘o Lula dera liberdade total de escolher os diretores menos um, que é o Paul Singer’. Fiquei sabendo assim! Depois, a idéia evoluiu para a criação de uma Secretaria de Economia Solidária vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego.

CE: *Está havendo um fortalecimento da economia solidária no Brasil?*

PS: Sim. A Organização das Cooperativas do Brasil (OCB)



“ Robert Owen, na primeira década do século XIX, propunha aproveitar os ganhos da Revolução Industrial em favor dos trabalhadores ”

estima em 6 milhões de cooperados. A economia solidária vem sendo mapeada pela Secretaria em parceria com as universidades do Brasil. No fim do ano passado contávamos com 22 mil empreendimentos da economia solidária no Brasil e esses são economias solidárias mesmo, autogestionadas, às quais estavam associadas 1,75 milhão de pessoas. Já não é uma coisa insignificante, e nós nem conseguimos mapear a totalidade dos municípios brasileiros. Existe um comitê gestor em cada estado que organiza a ida aos municípios ainda não visitados e sempre se encontram empreendimentos de economia solidária sob forma de cooperativas e associações ou grupos inteiramente informais. Graças a essa atividade junto ao pessoal das DRTs, estão vindo agora para a economia solidária as comunidades tradicionais, especialmente indígenas e quilombolas. São 700 mil indígenas vivendo hoje no Brasil em comunidades e eles descobriram que os valores da economia solidária são exatamente os mesmos tradicionais deles. Há também quebradeiras de coco, seringueiros, pescadores, garimpeiros, todas comunidades tradicionais.

CE: *É um retorno às origens, mas ao mesmo tempo com um olhar contemporâneo...*

PS: Isso. E a economia solidária é um instrumento para isso.

CE: *Falando em origens, quando surgiu o cooperativismo?*

PS: A reação dos trabalhadores à Revolução Industrial foi extremamente negativa, porque a Revolução Industrial estava

Prêmio Minha Comunidade Sustentável



destruindo o seu modo de vida. Eles chegaram a matar inventores, queimavam fábricas, e era até compreensível que fosse assim. É com Robert Owen, na primeira década do século XIX, se dá uma mudança de atitude, pois ele, sendo um industrial, percebia a revolução como uma coisa positiva. O que ele propunha era aproveitar os ganhos da Revolução Industrial em favor dos trabalhadores.

CE: Owen era de família rica?

PS: Ele casou com a filha de um proprietário de fábrica e acabou sendo diretor de um grande complexo têxtil em New Lanark. Na fábrica ele proibiu o trabalho infantil, limitou a jornada de trabalho, criou escolas e cuidava para que os trabalhadores tivessem condições decentes de trabalho e vida. E a fábrica dava muito lucro. Com isso Owen deu para as cooperativas, que no início eram puramente defensivas, uma proposta de mudança social. A cooperativa como um sinal de uma possível sociedade diferente no futuro.

CE: Estamos falando de cooperativas de produção. Quando começam a surgir as primeiras cooperativas de consumo?

PS: Elas surgiram simultaneamente. As primeiras eram para garantir a subsistência dos trabalhadores. Eram cooperativas que vendiam alimentos para os trabalhadores, inclusive para os que estavam em greve, funcionava como um fundo de greve. Os associados eram todos trabalhadores. Esse movimento de cooperativismo de consumo ganhou um poder econômico imenso. Na passagem para o século XX, o varejo era dominado por cooperativas, não só na Inglaterra, mas em todo o continente europeu. Houve um momento em que eles tinham superioridade financeira e competitiva em relação ao

“Na Casa Brasil, alunos de regiões pobres se profissionalizam e criam cooperativas para fazer softwares e assessorar usuários de computador”

pequeno comércio. Só que esse desenvolvimento entrou em crise quando o capital norte-americano investido no comércio inventou o auto-serviço, ou seja, o supermercado, que não tem empregados e cria toda uma tecnologia de embalagens para o freguês se servir sozinho, coisa que não acontecia antes.

CE: Uma cooperativa no sistema tradicional não distribuía lucros?

PS: Algumas dessas grandes cooperativas que se transformaram, ao longo do século XX, em supermercados, competindo com os outros estabelecimentos capitalistas, viraram sociedades anônimas, são empresas capitalistas. Agora, outra parte desse movimento cooperativista continuou de esquerda – e a ideologia é importante nesse caso – e entrou para o comércio justo, o consumo responsável, o movimento ambientalista, quer dizer, garante produtos puros... Na Suécia, por exemplo, as cooperativas de consumo hoje vivem um novo auge, porque elas se diferenciam dos seus concorrentes capitalistas pela qualidade do serviço que oferecem aos consumidores.

CE: As cooperativas sempre deram muita atenção à educação. Essa ligação forte com a educação permanece?

PS: A origem dessa ênfase na educação está no pensamento de Robert Owen de que o homem é fruto da edu-

cação. Ele tinha, no fundo, uma teoria materialista que Marx depois transformou em uma coisa bem mais sofisticada, combinando com a dialética de Hegel, mas a idéia básica de Owen era essa: se você quer gente boa, se quer bons cidadãos, gente pacífica, dê-lhes uma educação eficiente. Na sua fábrica, Owen introduziu a escolaridade obrigatória das crianças, tirou-as da fábrica e levou-as para a escola. Atualmente, o que nós temos no Brasil e em outros países são muitas cooperativas na área educacional. Há vários educadores que deram às suas escolas o caráter autogestionário. O escritor russo Leon Tolstói foi um deles. Ele criou uma escola em que não havia professores, as crianças praticamente aprendiam guiadas pela sua própria curiosidade. Esse é um dos experimentos mais bonitos do século XIX em termos de educação. Depois foram repetidos na Polônia com Janusz Korczak, na Inglaterra com Alexander Neil e a

escola de Summerhill, e hoje há centenas de escolas funcionando como cooperativas, inclusive no Brasil.

CE: *O senhor tem algum bom exemplo de economia solidária envolvendo jovens estudantes no Brasil?*

PS: Um ótimo exemplo são os alunos da chamada Casa Brasil. É um centro de inclusão digital criado pelo governo federal, hoje existem 3 mil casas pelo território sempre nas áreas mais pobres, nas favelas principalmente. Eles frequentam essas casas e, depois, se profissionalizam, criam cooperativas para fazer softwares, para dar assessoria aos usuários de computador que muitas vezes precisam tanto para aprender como depois consertar, além de fazerem a reciclagem dos computadores. Porque computador uma vez superado do ponto de vista de seu usuário não tem mais o que fazer e ele acaba sendo poluidor. Há um caso que conheço de uma cooperativa de jovens em Fortaleza, no Ceará, em uma grande área pobre chamada Pirambu, eles têm uma cooperativa digital que atua em quatro atividades distintas da informática. Eles conseguem reciclar e vender computadores para a comunidade por 300 reais, a prazo, se não me engano pagando 30 reais por mês. Isso os pobres podem pagar.

CE: *Gostaria que o senhor comentasse a experiência do Grameen Bank, criado pelo Prêmio Nobel de Economia, o economista Muhammad Yunus. Por que ela obteve tanta repercussão?*

“O Grameen Bank, criado por Yunus, está em 20 mil aldeias de Bangladesh e tem mais de 7 milhões de clientes, que são donos do banco”

PS: Porque é o próprio espírito da economia solidária. O Grameen Bank é um banco que existe em 20 mil aldeias em Bangladesh e tem mais de 7 milhões de clientes, que são donos do banco. É a maior cooperativa do mundo. E é democrática. A política de Yunus é financiar mulheres. Ele quer resgatar os mais pobres e percebeu que as mulheres são muito mais pobres do que os homens. Ele, um muçulmano, atribui isso à religião muçulmana. Em Bangladesh, o Grameen Bank só financia homens quando eles são chefes de família e não têm mulher, o que equivale a cerca de 4% ou 5% dos clientes donos do banco. Mas havendo mulher é ela quem será financiada. O financiamento de construção de casas, por exemplo, só acontece se o terreno estiver no nome da mulher, que não costuma ter propriedade alguma em seu nome. O Grameen Bank é um banco revolucionário, feminista se você quiser. Eles agora estão lutando contra o dote, que arruína as famílias grandes e pobres. Segundo Yunus, dois terços dos sócios do Grameen Bank não são mais pobres. E nenhuma mulher recebe crédito sozinha. Ela tem de formar um grupo de cinco.

CE: *Por que se formam esses grupos?*

PS: Para unir as pessoas para que elas se ajudem mutuamente. Além de ajudar as pessoas com os empréstimos, o Yunus quer que as pessoas se ajudem. Trocando idéias sobre os seus negócios, fazendo algo juntas, se eventualmente quiserem. O interessante é que a cada oito grupos de cinco forma-se um grupo de 40 pessoas, assistido por um agente de créditos. Os agentes vão à casa das pessoas, em vez das pessoas irem às agências, que nem existem. É tudo ao contrário dos bancos capitalistas, para quem o devedor é um mal necessário que gera lucros, mas é visto com extrema desconfiança. Eles escolhem os que precisam menos, mas que seguramente vão devolver o empréstimo. O Grameen Bank é completamente diferente. Teve um seminário na Espanha em que uma mulher perguntou o que deveria fazer para ser aceita no banco. O Yunus respondeu: “Se você vivesse em Bangladesh, teria de se submeter a uma visita. Se tiver cama no seu quarto, está excluída do banco”. Essa é uma diferença essencial. O que interessa é o princípio ético de atender aos mais pobres. Nunca tivemos no Brasil nenhum banco que seguisse essa filosofia. Mas a idéia está sendo difundida no mundo inteiro.

PAUL SINGER

■ *Introdução à Economia Solidária.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

■ *Globalização e Desemprego: Diagnóstico e alternativas.* São Paulo: Editora Contexto, 1998

■ *Uma Outra Economia É Possível: Paul Singer e a Economia Solidária.* São Paulo: Editora Contexto, 2003.

CUNHA, Gabriela Cavalcanti (Org.), DAKUZAKU, Regina Yoneko (Org.)

O caminho das peças

RECICLAGEM Artista plástico ensina jovens de baixa renda a fazer marchetaria com pedaços usados de madeira

Por **Livia Perozim**, editora de Carta na Escola

Lâminas e sobras de madeira transformam-se em tabuleiros de xadrez, caixas, bandejas, porta-copos e marcadores de livros. É de ensinar a arte de juntar pedaços para revestir ou construir objetos e móveis que o artista plástico Danilo Blanco vive há mais de dez anos. O que seria lixo em marcenarias, obras e feiras livres é matéria-prima nas mãos desse artesão que ensina a técnica da marchetaria para adolescentes e adultos. E, mais do que ajudá-los a transformar restos em renda, Blanco vem plantando uma idéia: a madeira é reutilizável.

Há quatro anos no Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista, na zona sul da capital paulista, Blanco e o designer

pel e as latinhas já têm muita gente olhando”, afirma Blanco. Depois disso, completa, o caminho das pedras é dado: “Queremos agora que eles aprendam a buscar fornecedores, conheçam as possibilidades de criação com a madeira, saibam como divulgar o trabalho no bairro e para quem vender”.

No início, os alunos levavam lâminas de madeira que encontravam em caçambas, feiras e perto de suas casas – a maioria deles mora a uma hora e meia do Lar das Crianças e estuda em escolas públicas da região, onde seus pais trabalham. Com o tempo, conta Blanco, as sobras de madeira passaram a chegar à instituição. “Quando as pessoas souberam da oficina, começaram mandar os restos de madeira para cá, porque não tinham onde deixar. São poucos os que a reutilizam, inclusive marceneiros.”

NOVOS TALENTOS

Com régua de metal, estilete e fita crepe, os alunos de mais de 12 anos aprendem a revestir objetos com cores e formas variadas da madeira. A partir dos 15 anos, aprendem também a manusear as máquinas e a trabalhar com madeira maciça. Muitos dos artefatos feitos por eles são vendidos em bazares da própria instituição e suprem os gastos dos materiais.

Nas aulas, talentos também são descobertos. Danilo Santos Nogueira nunca tinha ouvido falar de marchetaria e entrou na oficina “de bobeira”. Acompanhou os três primeiros anos do projeto e começou 2008 como monitor das aulas. “Eu gostei muito de mexer com madeira. Queria ser jogador de futebol, mas, quem sabe, eu possa trabalhar com isso”, vislumbra o garoto de 16 anos. Algumas das peças que produziu nas oficinas e levou para casa foram vendidas. “Todo mundo sabe que eu faço de tudo um pouco”, orgulha-se. Como Danilo, o estudante Darlam Magalhães, de 15 anos, também é um dos primeiros alunos da oficina de marchetaria do Lar



FOTOS: ERINALDO RODRIGUES

Fernando Zelman reúne, nas tardes de sábado, um grupo de 20 alunos, entre pais e adolescentes matriculados na organização não-governamental, para ensiná-los a transformar restos de madeira. A turma, que desconhecia a arte de marchetar, descobriu uma possível profissão e passou a garimpar o material e a se preocupar com o destino e o uso da madeira. “O curso ensina na prática o que é sustentabilidade. Queremos que os alunos se tornem observadores das sobras de madeira, porque para o plástico, o pa-

O lixo é a matéria-prima.

Lâminas e restos de madeira viram artefatos nas mãos dos alunos, que aprendem também a garimpar o material

das Crianças. Começou o curso na companhia da mãe, que depois desistiu. “Eu até pensei em parar, mas minha mãe me incentivou a continuar. Antes eu não sabia fazer nada e agora até tabuleiro de xadrez já faço”, diz.

GERAÇÃO DE RENDA

Um tabuleiro de xadrez, por exemplo, tem um baixo custo de produção e é vendido por 50 reais. No entanto, como ressalta Katia Regina Honora, coordenadora-administrativa do Lar das Crianças, “ganhar dinheiro” não é a finalidade da oficina na instituição. “A gente não tem condições de aceitar encomendas de peças, por exemplo. Toda a nossa produção é feita em aula. Nossa proposta está crescendo e é educativa, até porque trabalhamos com menores”, conta.

Este ano, a ONG, antigo semi-internato que abrigava filhos de imigrantes do Pós-Guerra e que hoje oferece educação infantil e atividades socioeducativas para jovens em idade escolar, abriu as portas para alunos de três escolas públicas do bairro em que está inserida, Santo Amaro. A parceria deu certo, mas a procura pelo curso foi maior do que as vagas disponíveis. “A gente teve de selecionar, porque não dava para receber todo mundo”, explica Katia.

Durante as aulas, ao desenhar e recortar as folhas de madeira, os alunos desenvolvem habilidades motoras e espaciais e aprendem a planejar e construir uma obra. “A evolução pedagógica é nítida. O Lar acompanha o desempenho deles na escola. Dá para notar que eles melhoraram em cálculo, aprenderam a usar régua e outra linguagem a partir da pintura e do desenho”, destaca Nanci de Lima, coordenadora pedagógica do Lar das Crianças.

PROTAGONISMO

A oficina de marchetaria, que trabalha conceitos pedagógicos e de sustentabilidade, além das possibilidades de geração de renda, foi desenvolvida por Danilo Blanco em 1995, ano em que o artista plástico fechou seu ateliê no bairro de Vila Madalena para ensinar o que mais sabe aos meninos e meninas da periferia de São Paulo: transformar materiais recicláveis.

Multiplicar o conhecimento passou a ser o lema de Blanco, que, depois de trabalhar com jovens de São Mateus e Capão Redondo, bairros da periferia de São Paulo, reabriu seu ateliê num galpão de 200 metros quadrados, no bairro de Santa Cecília, região central da capital. De 2002 a 2007, Blanco e Fernando Zelman comandaram a Galeria Central, um local que recebia crianças, jovens e adultos em situação de rua ou em abrigos.

Com oficinas de marchetaria e grafite, a Galeria Central tam-



BLANCO. Da periferia ao centro de São Paulo, artesão ensina a gerar renda juntando sobras de madeira

bém era um espaço aberto aos alunos de escolas públicas da região central. “Lá, todo mundo ficava junto e era igual. Trabalhamos a arte para incluir, gerar renda e desenvolver o ser humano. Uma transformação que tem como protagonista o próprio jovem”, resume Zelman. Para os meninos em situação de rua, diz ele, as oficinas funcionavam como um processo educativo e de socialização. “Também encaminhávamos os jovens que queriam ir para abrigos e outras organizações”, ressalta.

A renda gerada pelos materiais produzidos com a técnica da marchetaria era utilizada para pagar as despesas mensais do espaço e os custos com o material. O que sobrava, era dividido entre os participantes. “A gente fez um esquema de cooperativa. Todo mundo sabia quanto custava e quanto entrava de dinheiro. Só não podemos dar dinheiro aos jovens que moram na rua porque tem a questão da droga”, explica Blanco.

Na Galeria Central, em cinco anos, passaram 8 mil alunos na oficina de marchetaria. Mas, desde 2007, o local foi fechado por falta de recursos para manter o espaço, cujo gasto mensal era de 4 mil reais. O imóvel é hoje um estacionamento. “Tivemos dificuldade financeira e não soubemos administrar. Não recebemos o apoio de nenhuma empresa porque não somos uma ONG, o que é uma injustiça”, afirma Blanco. Mas ele e Zelman não desistiram da região central de São Paulo e estão à procura de um novo espaço para voltar com os projetos da Galeria Central. “A luta pela inclusão social e pela sustentabilidade por meio da arte continua”, garantem.

SAIBA MAIS

■ Internet

Galeria Central: www.galeriacentral.org.br

Lar das Crianças: www.lardascrianças.org.br

Contato: danioloblanco@galeriacentral.org (11) 7280-8011

A permacultura vai à escola

ESCOLA SUSTENTÁVEL Metodologia criada na década de 70 é utilizada em um grande centro de referência em sustentabilidade no Cerrado brasileiro

Por **Michel Daoun**, repórter de Carta na Escola

Conhecida como uma cidade de grandes atrativos turísticos, principalmente por suas cachoeiras e um conjunto arquitetônico histórico, Pirenópolis, município localizado em Goiás, também abriga um grande centro de referência em sustentabilidade. É o Ecocentro do Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (Ipec), local com uma área de 5 hectares onde os conceitos de sustentabilidade estão aplicados na prática por todos os cantos.

O foco das atividades do Ecocentro é a educação, trabalhada através da permacultura. O conceito, criado por um professor australiano na década de 70, consiste na construção de um ambiente ecológico que integre plantas, animais e os seres humanos de uma forma harmoniosa. A filosofia desenvolvida é que o homem retire da natureza apenas aquilo que é necessário à sua sobrevivência e que devolva o que ela precisa sem agredir o meio em que vive. Para que isso funcione, os métodos e as práticas aplicadas devem ser bem planejados, de maneira que não haja desperdício e que as técnicas utilizadas sejam de baixo custo.

Para entender esse conceito, que na teoria parece amplo, os próprios praticantes dessa metodologia recomendam a prática. E os ecocentros são os lugares ideais para isso. Estudantes de todo o estado fazem visitas ao lugar para entender de perto o que é uma cultura sustentável e como levar as práticas ali observadas para o dia-a-dia. Além de receber visitantes interessados na aplicação prática da sustentabilidade, o instituto realiza projetos voltados especificamente aos estudantes, como o Hábitats na Escola, que teve início este ano e vem sendo desenvolvido em quatro escolas públicas de Pirenópolis.

“O primeiro passo é levar os estudantes ao Ecocentro, para eles conhecerem de perto as nossas instalações e vivenciar as diversas soluções em água, alimentação, energia, habitação e saneamento”, relata Luciana Kalil, subcoordenadora do projeto. As construções diferenciadas, como a hortamandala, despertam a atenção do visitante. Nessa técnica, o que se procura é produzir mais alimentos gastando menos espaço do que os métodos convencionais. Raízes e hortaliças são cultivadas em conjunto e as bordas são sinuosas e não dispostas em linha reta, como nas hortas convencionais.



ARQUIVO ECOCENTRO IPEC

MUTIRÃO. No Dom Bosco, os alunos já construíram uma horta, um jardim e uma praça no pátio, e agora trabalham na manutenção do projeto

SANITÁRIOS COMPOSTÁVEIS

As próprias construções do Ecocentro também são exemplo de economia e uso consciente dos recursos naturais. As paredes são erguidas com tijolos de adobe (para produzi-lo, não é necessária uma mistura precisa de argila e areia, qualquer barro pode ser utilizado, e, seco ao sol, fica pronto em três dias) e fardos de palha (feito de resíduos de cereais, o mesmo material utilizado nos fenos para conservação e forragem animal).

Outra construção que chama a atenção são os sanitários compostáveis. Diferente dos banheiros convencionais, que gastam dezenas de litros de água em uma única descarga, os sanitários do ecocentro, por meio do processo de compostagem, transformam os dejetos humanos em adubo, que podem ser usados nas próprias hortas do local. Essa construção é uma prática que demonstra com clareza o conceito de permacultura, pois fecha um ciclo: o homem devolvendo à natureza aquilo que ela necessita.

“Após os alunos conhecerem o ecocentro, propomos a eles que façam um projeto para implantar na escola alguma prática que viram lá. A escola reserva um espaço ocioso para que ali se faça alguma atividade proposta pelos estudantes”, explica Luciana. “Eles desenham e depois constroem uma maquete de barro. Pode ser uma horta, um canteiro em espiral de ervas, um laguinho, um jardim ou um viveiro. Eles criam uma espécie de hábitat dentro da própria escola.”

Envolvendo professores, funcionários e alunos, a equipe do Ecocentro recebe o projeto dos estudantes, faz as adaptações necessárias e promove um grande mutirão de três dias na escola. “Trabalhamos de maneira que todos entendam o significado do que estão fazendo. E, a partir do momento em que se envolvem e constroem algo juntos, eles sempre vão cuidar e zelar por aquilo, como algo que pertence a todos”, diz Luciana.

Terminado o mutirão, a fase seguinte é de acompanhamento. A comunidade escolar faz a manutenção do que foi construído e uma vez por semana a equipe do Ecocentro vai às escolas monitorar e ajudar estudantes e educadores em outros projetos que podem trazer mais melhorias. O lixo orgânico produzido na escola pode ser utilizado em proveito na própria horta para adubo.

CANTEIRO EM ESPIRAL

Uma das escolas beneficiadas pelo projeto é o Educandário Municipal Dom Bosco. Do mutirão resultou uma pequena horta, um jardimzinho e uma praça no pátio. “Como o tempo está ajudando, já rendeu na horta um pouco de cebolinha, tomate e beterraba, além de ervas para fazermos chá. Usamos tudo que é cultivado em proveito da própria escola nas merendas”, explica Claudeã Cunha, diretora da escola. Segundo ela, a receptividade por parte de todos foi muito boa. “Alguns alunos até reclamam, porque queriam ter mais atividades no nosso pátio. Agora eles vão ao pátio trabalhar na manutenção do projeto uma vez por semana, quando o pessoal do Ecocentro vem até

FELIPE HORST



MÃOS À OBRA. Alunos criam um hábitat em espaço ocioso da escola

nós”, conta Claudeã. Atualmente, a equipe do instituto está desenvolvendo um projeto de cultura alimentar para uma feira ambiental da qual a escola vai participar no fim do mês. Mesmo após o mutirão, as atividades continuam, pois ainda está previsto para a Dom Bosco um minilago e, segundo a diretora, em breve a pracinha se tornará um espaço de leitura.

O canteiro de ervas construído em espiral também é uma prática trazida do Ecocentro. O objetivo é que se utilize pouco espaço. O método consiste em construir, com tijolos e pedras, um círculo que, antes de se fechar, as pedras sejam empilhadas para dentro com a terra, ganhando altura. Esse procedimento faz com que o canteiro ganhe microclimas diferentes: o topo da espiral tende a ficar mais seco, enquanto a base permanece mais úmida. Para tirar proveito dessa técnica, é preciso que se tenha conhecimento sobre que tipo de erva se adapta melhor a uma determinada condição climática.

O projeto Hábitats na Escola tem previsão de durar no mínimo três anos nas quatro instituições contempladas, mas a direção do instituto ambiciona chegar a todas as escolas de Pirenópolis. Desde a implantação, cerca de 2 mil estudantes foram atendidos. Todos os professores receberam o livro *A Escola Sustentável*, de Lucia Legan, coordenadora do projeto. A publicação, disponível para venda no site do instituto, é dividida em capítulos que sugerem atividades nas diferentes áreas do meio ambiente envolvendo a permacultura. O texto leve, intercalado por muitas ilustrações, ajuda a entender, e a praticar, as lições ensinadas pelo Ecocentro.

SAIBA MAIS

■ Internet

Ecocentro lpec: www.ecocentro.org – Tel.: (62) 3331-1568

■ Livro

LEGAN, Lucia. *A Escola Sustentável*. São Paulo: Imesp, 2007

Regulamento



Apresentação

O **Prêmio Minha Comunidade Sustentável** é uma iniciativa da Editora Basset, designada neste Regulamento Organizadora, a ser realizado por meio da revista **Carta na Escola** e apoiado pela organização não-governamental **Ação Educativa**.

Tem por objetivo estimular e apoiar a criação e execução de projetos escolares inovadores que busquem soluções de sustentabilidade da vida no planeta, incluindo-se aí as dimensões social, ambiental e econômica.

No contexto do Prêmio, um projeto para uma comunidade sustentável deve implicar a mobilização e a aprendizagem do grupo escolar participante.

Sustentabilidade deve ser entendida como um conceito sistêmico, que integra as dimensões acima citadas. Mais ainda, implica certo equilíbrio, em contraposição a uma noção de desenvolvimento econômico ilimitado, dada a finitude dos recursos do planeta. Assim, não se podem criar soluções de geração de renda para uma comunidade que vive os efeitos da miséria produzindo ações negativas para o meio ambiente. Ao mesmo tempo, não devemos conservar o meio ambiente em detrimento dos seres humanos que vivem em uma comunidade.

Regulamento

1 Participantes

Podem se candidatar ao Prêmio unidades executoras vinculadas a uma escola, que tenham como finalidade a gestão de recursos financeiros transferidos para a manutenção e desenvolvimento do ensino. Entende-se por unidade executora, nos termos da legislação vigente, as associações de pais e mestres (APM), as caixas escolares, os círculos de pais, associações de pais e professores (APP), associações de pais, alunos e mestres (Apam) e outras denominações com o mesmo fim.

Os projetos devem estar vinculados ao Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), ao Ensino Médio (1ª à 3ª série), ao EJA – Ensino Fundamental ou ao EJA – Ensino Médio da rede pública ou particular de ensino. E podem ser realizados exclusivamente pela unidade escolar ou em parceria com organizações não-governamentais (ONGs), associações de bairro ou instituição que ofereçam apoio técnico.

O projeto proposto deve ser original e desenvolvido como um trabalho de professores e alunos ao longo de um período escolar e não precisa se limitar ao espaço da escola, podendo trazer soluções e inovações para a comunidade do entorno.

2 Inscrições

As inscrições serão aceitas de **12 de maio a 29 de agosto de 2008** e poderão ser feitas da seguinte forma:

2.1) Pela internet, por meio dos sites www.cartanaescola.com.br e www.acaoeducativa.org. Deverá ser preenchida a ficha de inscrição e o formulário de descrição do projeto (encontrados no site www.cartanaescola.com.br e nas edições de maio, junho e agosto de 2008 da revista *Carta na Escola*). As inscrições serão validadas após a análise do cumprimento dos critérios de participação. A confirmação de recebimento da

inscrição será enviada pelos organizadores por e-mail.

2.2) Nos casos em que não for possível fazer a inscrição por meio eletrônico, esta poderá ser feita pelo Correio, com o envio da ficha de inscrição e do formulário de descrição do projeto para rua General Jardim, 660, São Paulo (SP), CEP 01223-010, em envelope identificado como **Prêmio Minha Comunidade Sustentável**. Serão aceitas as inscrições postadas até o dia 29 de agosto de 2008. Nesses casos a confirmação de recebimento da inscrição será por fax.

2.3) No ato da inscrição deverá ser informado o nome de um Gestor do projeto. Este deverá ser membro do corpo docente da escola e o responsável pelo trabalho e pela gestão dos recursos recebidos.

2.4) O material enviado para a inscrição não será devolvido e os avaliadores podem solicitar informações e documentação complementares.

2.5) A inscrição será gratuita.

2.6) Cada unidade escolar poderá apresentar mais de um projeto.

2.7) Não poderão participar do concurso pessoas que possuam algum grau de parentesco com os funcionários e/ou contratados da Organizadora e da ONG Ação Educativa.

3 Critérios de avaliação dos projetos

Os projetos inscritos serão analisados por um comitê técnico formado pelos organizadores e avaliados em três etapas: a) validação da inscrição conforme os critérios deste regulamento; b) análise e seleção de 30 projetos por um comitê técnico, formado por pessoas externas à Ação Educativa e à Organizadora; c) seleção dos 10 melhores projetos por uma comissão julgadora.

3.1) Divulgação dos resultados

Em 27 de outubro de 2008 serão divulgados os resultados por meio dos sites www.cartanaescola.com.br e www.acaoeducativa.org e enviados telegramas às equipes responsáveis pelos projetos selecionados.

4 Premiação

Haverá um evento de premiação em novembro de 2008 e os dez grupos selecionados deverão enviar o Gestor do projeto e designar um

Critérios de avaliação que nortearão as etapas acima descritas:

I. Inserção do projeto nos termos da definição de sustentabilidade expressa na apresentação do Prêmio.

II. Viabilidade técnica e jurídica para a implementação do projeto.

III. Adequação dos recursos disponibilizados aos fins declarados no projeto.

IV. Cronograma factível e compatível com os objetivos a serem alcançados pelo projeto.

V. Ser concebido e executado por professores e alunos de uma unidade escolar com apoio ou não de organizações não-governamentais (ONGs), associações de bairro ou instituição que ofereça apoio técnico.

VI. O projeto deve ser original e desenvolvido ao longo de um período de 6 meses do calendário escolar (fevereiro a julho de 2009).

VII. A elaboração e realização do projeto devem implicar ação de caráter transformador na comunidade-escola ou na comunidade de maneira mais ampla (o entorno, a rua, o bairro, a cidade).

VIII. Será considerado o critério de proporcionalidade entre o número de projetos inscritos e premiados conforme as regiões do país.

dos alunos participantes. Os grupos serão hospedados na cidade de São Paulo, em local a ser oportunamente definido pela Organizadora, responsável pelo transporte dos grupos de ida e volta a sua cidade, traslado em São Paulo, alimentação e hospedagem durante o período de permanência do grupo.

5 Prêmio

As escolas que tiverem seus projetos escolhidos pela comissão julgadora receberão como prêmio:

- Certificado de participação.
- Um computador para cada escola envolvida nos projetos selecionados.
- Uma assinatura da revista **Carta na Escola** válida por 1 ano.
- As unidades executoras serão depositárias do prêmio em dinheiro que tem a finalidade de viabilizar a implantação dos projetos, sendo estes:

1 prêmio de até 30 mil reais;

2 prêmios de até 15 mil reais;

5 prêmios de até 10 mil reais;

2 prêmios de até 5 mil reais.

O valor do prêmio será depositado em uma conta corrente exclusiva para esse fim em nome da unidade executora. O prêmio será pago em três parcelas, sendo a primeira referente a 50% do total, depositada em 30 de janeiro de 2009. A segunda parcela, referente a 40% do valor total da premiação, será depositada após 60 dias e a terceira, referente aos 10% restantes, após 120 dias a contar do recebimento da primeira parcela.

5.1) Gestão dos recursos

A implantação do projeto e a utilização dos recursos financeiros disponibilizados pelo **Prêmio Minha Comunidade Sustentável** serão de responsabilidade do Gestor indicado na ficha de inscrição pela unidade executora.

A implantação do projeto será monitorada por um responsável designado pela Organizadora e pela ONG Ação Educativa e deverá acontecer até o final de julho de 2009.

O Gestor do projeto será responsável pela prestação de contas com notas fiscais, recibos e relatório de utilização dos recursos para serem enviados à Comissão Organizadora do Prêmio até 10 dias antes da data de depósito da parcela seguinte.

O modelo de relatório será enviado por e-mail ao Gestor do projeto imediatamente após o pagamento da primeira parcela.

Os relatórios e as comprovações de gastos devem ser enviados para a Ação Educativa, rua General Jardim, 660, São Paulo, CEP 01223-010, em envelope identificado como **Prêmio Minha Comunidade Sustentável – Relatório**.

Os recursos devem ser gastos entre fevereiro e julho de 2009, não sendo possível estender esse prazo.

Os recursos recebidos não poderão ser gastos com remuneração de pessoal, despesas com alimentação, transporte e estadia. A compra de equipamentos e insumos deve estar diretamente relacionada às necessidades do projeto.

A liberação das parcelas estará condicionada ao envio e à aprovação dos relatórios. Caso o relatório não seja aprovado, será devolvido com as recomendações para ser refeito e reenviado. A não aprovação da prestação de contas implica desclassificação do projeto e a devolução dos valores já recebidos em até cinco dias úteis após a comunicação por carta.

Cada projeto poderá receber uma visita técnica com a finalidade de acompanhar a sua implementação.

6 Cessão de Direitos – Autorizações

6.1) O Prêmio tem caráter exclusivamente cultural, sem nenhuma modalidade de sorteio ou pagamentos pelos concorrentes nem é vinculado à aquisição de qualquer bem, direito ou serviço.

6.2) Fica desde já estipulado que a inscrição da unidade executora no **Prêmio Minha Comunidade Sustentável** autoriza que a Organizadora possa, sem ônus, por qualquer meio ou forma, parcial ou totalmente, expor e divulgar publicamente o Projeto, sua abrangência, o nome dos participantes, de terceiros que nele estejam envolvidos a qualquer título, o apoio a ele conferido, bem como o material descritivo correspondente ao Projeto.

6.3) A autorização é outorgada em caráter de exclusividade, de forma definitiva, total, irrevogável e irretirável, sendo válida no Brasil e em todos os demais países, sem restrição de espaço, tempo, idioma e quantidade de exemplares, e permitirá à Organizadora a utilização por meio de: impressos em geral, mídia, material publicitário, sites, CD-ROM, disquete, DVD, revistas eletrônicas e digitais, conferências, palestras, relatórios, convites, folders, folhetos, livros, compilações, fotografias, slides, outdoors, catálogos, cartazes, calendários, enciclopédias, produtos culturais, exposições itinerantes ou não, em qualquer local, mostras nacionais ou internacionais, outros materiais institucionais, promocionais ou publicitários.

6.4) Os integrantes dos grupos cedem, a título gratuito, à Organizadora o direito de uso de seus nomes, imagens e depoimentos, para fins de divulgação do **II Prêmio Minha Comunidade Sustentável**.

7 Disposições Gerais

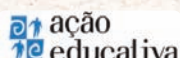
O não cumprimento pelos grupos inscritos das disposições deste Regulamento e das demais instruções fornecidas durante o processamento do concurso implicará sua desclassificação.

As decisões da Comissão Julgadora serão soberanas e irrecorríveis, não cabendo recursos aos concorrentes qualquer contestação de tais decisões, bem como dos seus resultados. Os casos não previstos por este regulamento serão discutidos e acordados pela Comissão Organizadora do **Prêmio Minha Comunidade Sustentável**.

As despesas referentes à elaboração e ao envio dos projetos e quaisquer outras necessárias para a participação no concurso correrão por conta dos próprios inscritos.

Comissão Organizadora do Prêmio Minha Comunidade Sustentável

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



APOIO:



APOIO INSTITUCIONAL:



Prêmio Minha Comunidade Sustentável

FICHA DE INSCRIÇÃO - PRÊMIO MINHA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL

TÍTULO DO PROJETO _____

PROPONENTE DO PROJETO

UNIDADE EXECUTORA _____

CNPJ _____ Insc. Est. _____ Insc. Mun. _____

Endereço _____

Número _____ Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Fax _____ E-mail _____

Responsável pela unidade _____

ESCOLA VINCULADA À UNIDADE EXECUTORA

Diretor _____

CNPJ _____ Insc. Est. _____ Insc. Mun. _____

Endereço _____

Número _____ Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Fax _____ E-mail _____

Professor gestor do projeto (nome completo)

_____ RG _____

Telefone para contato _____ E-mail _____

Instituição externa à escola que dá apoio ao projeto (não obrigatório)

Técnico responsável da instituição

_____ RG _____

Telefone para contato _____ E-mail _____

DADOS DO PROJETO

Custo do projeto _____ (Valor máximo R\$ 30.000,00)

Descrição sumária do projeto

A Ficha de Inscrição deve trazer anexa a descrição do projeto em formato compatível com o processador de texto Word ou em texto impresso.

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



APOIO:



APOIO INSTITUCIONAL:



FORMULÁRIO DE DESCRIÇÃO DO PROJETO

1 – IDENTIFICAÇÃO

- Título do projeto:
- Unidade executora:
- Nome da escola:
- Gestor (professor responsável pelo projeto):
- Ano(s)/série(s) envolvido(s) no projeto e na sua execução:
- Disciplinas envolvidas no projeto e na sua execução:



2 – APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROJETO

2.1. Justificativa

- Descrição da proposta
- Objetivos
- Justificativa: importância do projeto, impacto na comunidade e viabilidade técnica.
- Aplicação do princípio de sustentabilidade: explicar de que maneira aspectos sociais, econômicos, ambientais, culturais ou educacionais estão presentes e inter-relacionados no projeto.

2.2. Ações dos participantes

- Papel e participação dos professores no processo de construção e implementação do projeto.
- Papel e participação dos alunos no processo de construção e implementação do projeto.

Dica

Mostrar a importância dessa participação, principalmente para os alunos, e a aprendizagem que poderá advir desse engajamento.

3 – Justificativa da parceria

Responder, no caso de haver algum tipo de parceria da escola com outra instituição.

- Motivos que levaram à parceria e qual o papel do parceiro no projeto.

3.1. Implantação do projeto

Relacione as atividades e indique em que momento serão realizadas. Devem ser mencionadas as atividades relacionadas a cada quinzena durante os meses de fevereiro a julho de 2009:

Modelo de descrição das atividades e cronograma de implementação do projeto

	Fev		Mar		Abr		Mai		Jun		Jul	
	1ª quinz.	2ª quinz.	1ª quinz.	2ª quinz.	1ª quinz.	2ª quinz.	1ª quinz.	2ª quinz.	1ª quinz.	2ª quinz.	1ª quinz.	2ª quinz.
XXX												
XXX												
XXX												

4 – Planilha detalhada de custos

Para que o projeto possa se desenvolver de maneira adequada, é importante que, no planejamento, haja o maior cuidado possível com a previsão de custos envolvidos. Para tanto, é importante que o grupo, por meio de seu gestor, preencha a tabela abaixo da maneira mais detalhada possível, levando em consideração o custo total do projeto (os projetos inscritos devem se encaixar em uma destas categorias de orçamento: 5 mil, 10 mil, 15 mil ou 30 mil reais, conforme consta no item 5 do regulamento) e o volume de recursos a ser liberado em cada etapa (50%, 40% e 10%).

Item/mês	TOTAL	50%		40%		10%	
		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
TOTAL GERAL							

Importante:

Não poderão ser gastos recursos com remuneração de pessoal, materiais que não sejam vinculados diretamente ao projeto, alimentação, transporte ou hospedagem.

REALIZAÇÃO:

PATROCÍNIO:

APOIO:



Editora
Saraiva
www.editorasaraiva.com.br



APOIO INSTITUCIONAL:

